



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

MACHADO DE ASSIS E O CÂNONE: algumas considerações

Thamires Gonçalves (UERJ)

Orientador: João Cezar de Castro Rocha (UERJ)

RESUMO:

“Amas Machado de Assis?... esta inquietação me melancoliza.” Mário de Andrade traz esta indagação logo no primeiro parágrafo de seu texto sobre o autor em *Aspectos da Literatura Brasileira*. O texto de Andrade foi escrito em celebração ao centenário do autor e destaca as contribuições de Machado enquanto romancista, poeta, contista e cronista; além de discutir as posições ideológicas e o papel do autor na sociedade letrada oitocentista. O texto, espécie de exaltação melancólica da carreira de Machado de Assis, será ponto de partida para a reflexão sobre os aspectos que contribuíram para a canonização de Machado de Assis. A compreensão do complexo processo de canonização começa com o estudo das escolhas literário-comerciais feitas por Machado de Assis ao longo da vida, enfatizando a sua longa relação com o livreiro B. L. Garnier. Destacam-se também suas contribuições para a crítica literária, com especial atenção aos textos “Ideal do crítico” e “Instinto de Nacionalidade”. No primeiro, Machado discute o papel do crítico naquele período, propondo que a crítica feita deveria seguir determinados preceitos, deixando de lado intrigas e amizades. “Instinto de nacionalidade” propõe uma reflexão sobre o estado da Literatura Brasileira, colocando em xeque a contribuição que o excesso de obras que tratavam da “cor local” para a consolidação da literatura no país, propondo a ideia de que era possível escrever obras que se detivessem na análise de caracteres. Segundo Machado de Assis, só a crítica fecunda poderia contribuir para a consolidação da Literatura Brasileira. Considerando que o processo de canonização depende da aceitação – ou não – pelos pares, assim como de instâncias de consagração que reafirmam a posição central de Machado de Assis no campo literário brasileiro, será necessário levar em conta para esta singela reflexão os textos de crítica do próprio Machado, de seus contemporâneos, e de críticos atuais.

Palavras-chave: Machado de Assis. Crítica literária. Cânone.

1. Considerações iniciais

Em *Aspectos da Literatura Brasileira*, Mário de Andrade escreveu o texto “Machado de Assis”. Publicado em comemoração ao centenário do autor, consiste em uma reflexão sobre a vida e a obra de Machado. O texto, que é uma espécie de exaltação melancólica, oscila entre a admiração e a crítica. Este ir e vir entre o maravilhamento

diante da obra e a censura a respeito das escolhas sociais e políticas do autor é a síntese da figura de Machado de Assis: um homem-autor admiravelmente complexo.

Ao longo do texto, Mário de Andrade destaca a importância da figura de Machado de Assis na sociedade letrada, afirmando que o autor conseguiu um feito bastante complexo: tornar-se eixo gravitacional do campo literário oitocentista. Para Andrade, Machado de Assis

Conseguiu uma vitória intelectual raríssima, alcançando que o considerassem em vida o representante máximo da nossa inteligência e o sentassem no posto então indiscutivelmente mais elevado da forma intelectual do país, a presidência da Academia. (ANDRADE, p. 123)

Diante disto, faz-se necessário refletir a respeito dos processos que levaram Machado de Assis ao posto de autor canônico. Para tanto, pensaremos a respeito das principais relações literárias e comerciais do autor ao longo da vida e como elas refletiram em sua consolidação como autor referência no campo literário oitocentista. Discutir-se-ão também os principais textos de crítica literária do autor, intimamente ligados às relações travadas no campo. Desta forma, o presente artigo pretende traçar o caminho seguido por Machado de Assis através das instâncias que o consagraram como “nosso maior escritor” (ANDRADE, p. 127).

2. Relações literário-comerciais

A carreira de Machado de Assis teve início na década de 1850, quando publicou seus primeiros textos no periódico de Paula Brito, o *Marmota Fluminense*. O prestígio como crítico respeitado veio na década de 1860, graças à ajuda de José de Alencar. Sua frutífera relação com B.L Garnier é o que lhe confere reconhecimento como escritor de poemas, contos e romances, em sua conhecida primeira fase. Sua transformação em eixo gravitacional do campo literário brasileiro chega na década de 1880, com a publicação de seu segundo bloco de romances, todos com o selo da Livraria Garnier.

Estas três personalidades contribuíram positivamente na carreira de Machado de Assis. Por isso, nos debruçaremos em cada uma dessas relações a fim de compreender como cada um deles esteve presente no processo de inserção e consolidação de Machado de Assis no campo literário.

2.1. Paula Brito

Francisco de Paula Brito foi o principal livreiro da Rua do Ouvidor na década de 1850 e o responsável por publicar os primeiros textos de Machado de Assis no *Marmota Fluminense*, assim como os de tantos outros jovens escritores do período.

O *Marmota* era bastante original. Dedicado quase exclusivamente a assuntos literários, tinha apenas seis páginas e tipos maiores, além de apresentar uma qualidade de impressão superior. Seu conteúdo privilegiava artigos traduzidos de jornais franceses, mas também abria espaço para que os escritores nacionais publicassem suas obras em formato de *folhetim*. Praticamente a metade do jornal era dedicada a publicação de poesias escritas por seus colaboradores, produzidas a partir de um mote determinado pelo próprio Paula Brito.

Conhecido por ser muito rigoroso com o conteúdo publicado, certa vez escreveu: “ser assinante não dava o direito de ser impresso, mesmo pagando” (*Marmota*, n. 1274, 18.1.1861 apud MASSA, 2009, p. 83). Embora realista em relação ao mercado em que sua publicação estava inserida e as dificuldades que encontrava, promovia nos fundos de sua livraria reuniões literárias. Dessas reuniões, surgiu a Sociedade Petalógica; associação na qual, além da leitura de versos de seus membros, discutiam-se obras e peças em cartaz no Rio de Janeiro. Ressalte-se que havia apenas três ou quatro teatros em funcionamento na época; um sintoma da precariedade que reforçava a importância da própria Sociedade Petalógica. A associação, dedicada exclusivamente à cultura e à literatura, tornou-se ponto de encontro de todo o movimento romântico de 1840 a 1860.

Dentre as figuras que frequentavam as reuniões da Sociedade Petalógica podemos citar: Araújo Porto-Alegre, Teixeira e Souza, Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, além de jornalistas, políticos, ministros e médicos. A rede de relações estabelecidas por Machado de Assis na Sociedade Petalógica foi decisiva para sua inserção definitiva no campo literário brasileiro oitocentista. No vocabulário de Pierre Bourdieu, esse foi um dos momentos decisivos para seu acúmulo de capital simbólico e social.

O hábito de reunir escritores e intelectuais em livrarias não começou com Paula Brito. Louis Mongie, importante livreiro predecessor de Paula Brito, também promovia encontros em sua livraria, demonstrando uma “tendência brasileira de converter uma livraria em clube literário informal” (HALLEWELL, 2012, p. 167). Porém, acabou sendo eclipsado pela Petalógica. Esse padrão de promover encontros literários foi seguido por B. L. Garnier, posteriormente foi assumido por Hippolyte Garnier, estendendo-se até os dias de hoje.

Paula Brito foi o editor que mais produziu para o leitor comum, chegando a produzir publicações voltadas apenas para o público feminino, o que era na época um avanço significativo. Em 1848, era considerado o maior livreiro do Brasil no que dizia respeito ao número de máquinas próprias. Criou uma série de relações comerciais ao longo de todo o Império, instituindo um sistema de agências, que permitiam que suas produções alcançassem um número cada vez maior de leitores.

Foi conhecido também por ser o primeiro editor a encorajar a produção de literatura nacional, não apenas com as poesias em seus periódicos, mas investindo na publicação de romances. *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Souza, publicado em 1843, foi o primeiro romance brasileiro de algum valor literário no Brasil.

Importante destacar que o campo literário no Rio de Janeiro ainda estava em formação; sendo assim, Machado se inseriu desde o começo de sua carreira nas letras no centro desse campo ainda pouco estruturado. Este primeiro laço literário e comercial de Machado destaca-se pela importância de Paula Brito nesse momento para o desenvolvimento da cultura no Brasil.

A passagem de Machado de Assis no Marmota Fluminense abriu caminho para a uma longa carreira nos periódicos oitocentistas, colaborando em diversos periódicos, dentre eles o *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *A Semana Ilustrada* e *O Paraíba*. Foi também redator, resenhista e crítico de teatro. Estava, portanto, fortemente inserido no campo literário no Brasil do século XIX. Sobretudo se pensarmos que o preço dos livros era alto e, por isso, o jornal era mais acessível à grande parte da população. O grande sucesso de Machado de Assis nos periódicos chamou a atenção de um dos principais livreiros do momento: B. L. Garnier.

2.2. B. L. Garnier

Baptiste-Louis Garnier chegou ao Brasil em 1844, vindo da França. Aqui fundou a livraria que dirigiu até sua morte, em 1893. Inicialmente chamada de Garnier Irmãos, mais tarde transformou-se em Livraria Garnier, quando o editor passou a assinar suas publicações apenas como B. L. Garnier. Ao chegar ao Brasil, a Livraria Garnier era dependente da filial europeia, gerida pelos outros dois irmãos mais velhos.

Para Hallewell (2012), o Brasil pós-independência passou a atribuir a herança portuguesa todo o atraso nacional, à medida que tudo que era ligado à França passou a ser considerado moderno e progressista. Assim, não é difícil imaginar que B. L. Garnier aproveitou-se do domínio cultural que a França exercia naquele momento e enxergou no

Brasil uma possibilidade comercial vantajosa. Por isso, a associação com a loja dos irmãos mais velhos conferiu às suas publicações a legitimidade necessária para o sucesso que alcançou mais tarde.

Sabendo da pouca qualidade oferecida pelas tipografias nacionais, B. L. Garnier optou que todas as impressões fossem feitas em Portugal, numa filial da matriz francesa. Com isso, Garnier tornou-se o primeiro a separar impressão de edição. Somente em 1873, o livreiro importou as máquinas que lhe possibilitaram fazer impressões no Brasil.

Por conta do alto custo da importação, também foi o primeiro a taxar preços nos livros. Mesmo que não vendessem como esperado, o valor dos livros nunca era diminuído. Garnier foi acusado de ganhar dinheiro à custa do trabalho e talento brasileiro, ganhando o apelido de “bom ladrão Garnier”, uma alusão as iniciais de seu nome. O francês adquiriu

a reputação póstuma de avarento. As lembranças de seus contemporâneos descrevem a figura nada simpática de um homem baixo, gordo, míope, de fala lenta, de enorme cabeça redonda, queixo fugidio, sentado, com uma pena na mão, diante de uma escrivaninha alta, no canto mais afastado de sua sombria e poeirenta loja, descolando selos carimbados da correspondência recebida, preservando os envelopes para serem usados novamente e murmurando para si mesmo:” Ah! Pauvre Baptiste, si j'étais riche comme mon frère...” (HALLEWELL, 2012, p. 230-231)

Má fama à parte, Garnier contribuiu muito para o desenvolvimento da indústria livreira no Brasil, além de melhorar a qualidade das impressões, foi o primeiro a pagar direitos autorais para tradutores e autores com regularidade, oferecendo, inclusive, participação nas vendas. Também foi pioneiro ao investir na produção de livros escolares, assumindo um risco comercial, se levarmos em conta o mercado ainda bastante pequeno.

É a ele também que devemos os formatos da maioria dos livros daquela época, o livreiro instituiu dois tamanhos oficiais (16,5 x 10,5 cm e 17,5 x 11 cm), uma padronagem que se generalizou de tal modo que não é possível encontrar um só livro no período que não se encaixe nesse tamanho. (HALLEWELL, 2012, p. 245)

Além de suas contribuições para o melhoramento da indústria livreira no Brasil, sua livraria foi palco de reuniões e encontros literários, era o lugar onde todos corriam em busca de novidades. A Livraria Garnier “era palco da sociabilidade com poderes de

reconhecimento, celebração e consagração de todo autor aspirante à glória” (LEÃO, 2007, p. 172)

Com grande tino comercial, B. L. Garnier empenhou-se também em conquistar o público feminino, sua livraria passou a publicar o *Jornal das Famílias*, periódico no qual Machado também colaborou. Com o sucesso alcançado como jornalista, Machado foi reconhecido por B. L. Garnier e assinou seu primeiro contrato, publicando *Crisálidas*. Depois de uma grande vendagem, assinou contrato para publicar *Contos Fluminenses*, *Falenas* e *Histórias da meia-noite*. Interessante notar que os livros publicados por Machado pela Livraria Garnier eram de ciclos de curta duração, postos no mercado para vender rápido, devido à fama do escritor. Com o passar dos anos, alguns deles foram reeditados e Machado passa a figurar no catálogo da livraria. Segundo Bourdieu (2010), “quando um livro prolonga sua carreira além do primeiro ano, entra no ‘acervo’, constituindo uma ‘reserva’ financeira que fornece as bases de uma previsão e de uma ‘política’ de investimentos a longo prazo” (p.164). Percebe-se com isso, uma mudança no *status* de Machado enquanto escritor.

O primeiro livro de poemas publicado por Machado de Assis, *Crisálidas*, teve uma tiragem inicial de mil exemplares, que se esgotaram rapidamente, algo completamente fora dos padrões da época. Segundo Hallewell (2012), edições no México, por exemplo, raramente superavam 500 cópias; mil exemplares era um número grande até mesmo para padrões europeus.

Após a morte de Baptiste-Louis Garnier, a livraria passa a seu irmão Hippolyte, um comerciante considerado mais conservador. Com o segundo irmão Garnier, Machado de Assis torna-se definitivamente um autor cujas publicações pertencem aos ciclos longos: um passo a mais em direção a sua consolidação no campo literário.

2.3. José de Alencar: reconhecimento como crítico

Outra relação próspera para Machado de Assis foi com José de Alencar. É em decorrência de uma carta aberta publicada no *Correio Mercantil* em fevereiro de 1868, que Machado de Assis é alçado ao posto de principal crítico literário do período. Na missiva, Alencar apresenta um jovem poeta: Castro Alves. Afirma que recebeu o jovem em sua casa e que este lhe ofereceu a leitura de uma peça intitulada “Gonzaga”, além de alguns poemas: “A Cascata de Paulo Afonso”, “As Duas Ilhas” e “A Visão dos Mortos”.

Alencar emite sua opinião sobre o talento de Castro Alves, mas seu julgamento isolado não seria suficiente. Ao admitir que a opinião de Machado importava muito para

que a sociedade letrada recebesse o poeta, o autor de *Iracema* promoveu Machado ao posto de primeiro crítico brasileiro. Eis um trecho da carta:

Já um poeta o saudou pela imprensa; porém, não basta a saudação; é preciso abrir-lhe o teatro, o jornalismo, a sociedade, para que a flor desse talento cheio de seiva se expanda nas auras da publicidade. — Lembrei-me do senhor. Em nenhum concorrem os mesmos títulos. Para apresentar ao público fluminense o poeta baiano, é necessário não só ter foro de cidade na imprensa da Corte, como haver nascido neste belo vale do Guanabara, que ainda espera um cantor. — Seu melhor título, porém, é outro. O senhor foi o único de nossos modernos escritores, que se dedicou sinceramente à cultura dessa difícil ciência que se chama crítica. Uma porção de talento que recebeu da natureza, em vez de aproveitá-lo em criações próprias, teve a abnegação de aplicá-lo a formar o gosto e desenvolver a literatura pátria. — Do senhor, pois, do *primeiro crítico brasileiro*, confio a brilhante vocação literária, que se revelou com tanto vigor. (*Correio Mercantil*, 18.2.1868, grifos nossos)

A resposta de Machado chegou com outra carta aberta publicada também no *Correio Mercantil*, em 1º de março de 1868. Nela, Machado se mostra muito lisonjeado com o elogio dado por Alencar:

É boa e grande fortuna conhecer um poeta; melhor e maior fortuna é recebê-lo das mãos de V. Exa., com uma carta que vale um diploma, com uma recomendação que é uma sagração. A musa do Sr. Castro Alves não podia ter mais feliz intróito na vida literária. [...] Os seus primeiros cantos obtêm o aplauso de um mestre. — Mas se isto me entusiasma, outra coisa há que me comove e confunde, é a extrema confiança, que é ao mesmo tempo um motivo de orgulho para mim. (*Correio Mercantil*, 1.3.1868)

Além de agradecer e apresentar Castro Alves, como lhe pediu Alencar, também tece comentários sobre o difícil papel da crítica naquele momento, demonstrando como o campo literário ainda estava em formação naquele momento.

Confesso francamente, que, encetando os meus ensaios de crítica, fui movido pela ideia de contribuir com alguma coisa para a reforma do gosto que se ia perdendo, e efetivamente se perde. Meus limitadíssimos esforços não podiam impedir o tremendo desastre. Como impedi-lo, se, por influência irresistível, o mal vinha de fora, e se impunha ao espírito literário do país, ainda mal formado e quase sem consciência de si? Era difícil plantar as leis do gosto, onde se havia estabelecido uma sombra de literatura, sem alento nem ideal, falseada e frívola, mal imitada e mal copiada [...]. Compreende V. Exa. que, onde a crítica não é instituição formada e assentada, a análise literária tem de lutar contra esse entranhado amor paternal que faz dos nossos filhos as mais belas crianças do mundo. Não raro se originam ódios onde era natural travarem-se afetos. Desfiguram-se os intentos da crítica, atribui-se à inveja o que vem da imparcialidade: chama-se antipatia o que é consciência (*Correio Mercantil*, 1.3.1868)

As ideias de Machado sobre o papel da crítica e do crítico na reforma do gosto, a dificuldade em estabelecer uma literatura nacional de fôlego no Brasil e a forte influência da literatura estrangeira muito consumida no Brasil ressoam em seu conhecido texto crítico “Instinto de Nacionalidade”, onde as trabalhará com mais propriedade.

Fica claro com essa correspondência aberta entre os dois autores que o papel de José de Alencar foi decisivo para a consolidação de Machado de Assis como crítico literário. Ressalte-se que é também na década de 1860 que Machado passou a ser reconhecido como crítico teatral, censor e autor. Um degrau a mais para sua consolidação no cenário letrado oitocentista.

3. Principais textos de crítica literária

Já consagrado como crítico de respeito, Machado de Assis tem espaço para fazer considerações sobre o campo literário e as produções do período, publicando seus principais textos de crítica literária. Dentre eles, destacamos “Instinto de Nacionalidade” e “Eça de Queiros: *Primo Basílio*”.

“Instinto de Nacionalidade”, um de seus textos críticos mais conhecidos, foi publicado a pedido de José Carlos Rodrigues, em março de 1873, em *O Novo mundo*, um periódico brasileiro impresso em Nova Iorque. O texto é um estudo sobre o caráter geral da literatura brasileira, abrangendo as boas e más tendências no aspecto literário e moral.

“Instinto de Nacionalidade” surge num momento em que a literatura no Brasil ainda é vista pelas lentes do Romantismo, por isso a discussão sobre a nacionalidade da literatura brasileira é pertinente. Machado inicia seu texto afirmando que quem examina a literatura daquele momento enxerga certo “instinto de nacionalidade”, busca as raízes da literatura passando por Santa Rita Durão e Basílio da Gama e afirma que esse traço característico é “abono de futuro e sintoma de vitalidade”. Apresenta suas considerações sobre a possibilidade de dar espaço a obras que não tratem exclusivamente de temas ligados a cor local, cultura indígena ou natureza; afirmando ser possível escrever obras que se detivessem na análise de caracteres. Traça também um panorama do romance, poesia, teatro e língua e trata sobre o papel da crítica.

Este longo estudo de Machado sobre a literatura nacional é o desdobramento - ou a consideração final - de outros textos publicados pelo autor ao longo de sua carreira jornalística. As ponderações presentes em “Instinto de Nacionalidade” também estão na

carta aberta a Alencar publicada no *Correio Mercantil*, no texto crítico “Presente, passado e o futuro da literatura”. Suas reflexões demonstram a preocupação do autor sobre a necessidade de estabelecer uma literatura genuinamente nacional, estimular novos escritores e novos críticos que possuam verdadeiro talento e consciência de sua importância na sociedade.

“Eça de Queirós: Primo Basílio” foi publicado em abril de 1878 em *O Cruzeiro*. Machado inicia o texto comentando sobre o livro anterior de Eça, *O crime do Padre Amaro*, tecendo uma série de duras críticas ao recém lançado livro do autor, *Primo Basílio*. Aproveita também para comentar sobre o movimento que se desenhava no período, o Realismo. Embora reconheça o genuíno talento de Eça, ataca veementemente o estilo e a escola seguida pelo autor. Para Machado, o maior pecado do Realismo, e do livro de Eça, é sua vocação sexual. Eis um trecho:

Com tais preocupações de escola, não admira que a pena do autor chegue ao extremo de correr o reposteiro conjugal; que nos talhe as suas mulheres pelos aspectos e trejeitos da concupiscência; que escreva reminiscências e alusões de um erotismo [...]; que no meio das tribulações que assaltam a heroína, não lhe infunda no coração, em relação ao esposo, as esperanças de um sentimento superior, mas somente os cálculos da sensualidade e os "ímpetos de concubina"; que nos dê as cenas repugnantes do Paraíso; que não esqueça sequer os desenhos torpes de um corredor de teatro. (ASSIS, Machado de. Eça de Queiros: Primo Basílio)

De acordo com “Instinto de Nacionalidade”, o papel do crítico é justamente corrigir e animar a invenção, para que o gosto se apure e eduque, para que a literatura seja mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam. (cf. ASSIS, 2013, p. 433) Há nele a crença de que é papel do crítico traçar os caminhos que a literatura deve seguir. E é exatamente isso que Machado procura fazer ao publicar suas críticas: apurar o gosto, alterando a maneira que a literatura é vista e lida no Brasil.

Apesar de todo o espaço e reconhecimento como crítico, aos poucos ele deixa de publicar crítica literária, permanecendo apenas com as crônicas, gênero que abandonou apenas em fevereiro de 1897, após trinta e oito anos de frequentes contribuições na imprensa. Sua coluna final não dá detalhes dos motivos de seu afastamento, mas é provável que ser cronista estava se tornando muito dispendioso com “as constantes e seguidas transformações no âmbito político, ritmo de vida, pensamento, costumes e aparência do mundo à sua volta” (FRANÇA, 2008, p.182). No entanto, a produção de Machado nesta última década foi muito importante para a ficção brasileira, pois é neste momento que ele publica seus principais livros. Sendo assim, é possível concluir que:

Machado teria descoberto que a ficção era uma maneira muito mais vigorosa e eficaz de se dizer o que pensa. Fazendo morrer sua atividade crítica, o autor ressuscitou-a em sua obra ficcional, onde podia atacar não apenas a ideologia cientificista¹ mas também os próprios fundamentos da crítica literária brasileira. (FRANÇA, 2008, p. 188)

4. *Jornal das Famílias: reconhecimento e consolidação*

A conhecida “virada” de Machado de Assis, caracterizada pela publicação do segundo bloco de seus livros de ficção, é o momento em que o autor passa a exercer um papel cada vez mais central no campo literário no século XIX. A publicação de *Quincas Borba* pode exemplificar isso muito bem. *Quincas* foi publicado inicialmente na revista *A estação*, entre junho de 1886 e setembro de 1891, em formato de folhetim. O fato de este periódico ser uma revista ilustrada de moda, destinado ao público feminino, causa um estranhamento pela presença da obra em questão. Para Silva (2008),

Tal choque possivelmente é fruto de um longo processo de canonização na qual aprendemos que Machado é o maior representante da alta cultura e que jamais participaria do efêmero e fútil mundo da cultura de massa. Além disso, podemos atribuir grande parte deste espanto à crença de que esse romance famoso, escrito pelo que é considerado o maior autor da literatura brasileira, deveria ser publicado unicamente na forma de livro, para um público masculino e intelectualizado, e não para mulheres, consumidoras de moda e leitoras de um gênero de história, precursor de telenovelas. (SILVA, 2008, p.166)

No entanto, a presença de *Quincas Borba* nesta revista se deve a motivos literários, midiáticos, mercadológicos e políticos. Em 1879, a revista recebe uma nova orientação editorial, a fim de dar ao periódico um caráter mais nacional:

Confiamos a parte literária da *Estação* a pessoas de reconhecida habilidade e neste e neste número encetamos a publicação de uma produção de um dos nossos mais talentosos e festejados romancistas, que especialmente para o nosso jornal a escreveu e cuja coroa brilhante vai, por este motivo, adquirir mais um luzido florão. (*A Estação*, 15/01/1879 apud SILVA, p. 168)

Composto por três blocos distintos, fora a parte de modas, a revista trazia textos de aconselhamento, que defendiam o papel da mulher em sociedade enquanto mães, donas de casa. Outra parte do periódico era destinada as crônicas da sociedade, o que conhecemos nos dias de hoje como coluna social. A terceira parte continham os textos machadianos, demonstrando sua popularidade e a capacidade de sua figura de atrair

¹ No Romance *Quincas Borba*, há uma mordaz crítica ao Naturalismo e ao Positivismo, que ocorre através da invenção do *Humanitismo* por parte do personagem que dá nome ao livro. Segundo essa filosofia, o universo estaria reduzido a enunciados e leis científicas.

público. A presença de Machado de Assis dava legitimidade e prestígio à publicação, como se lê no editorial.

Quincas Borba foi publicado em formato de livro tempos depois, posteriormente a uma longa edição, sofrendo vários cortes, inclusive de capítulos inteiros. Machado de Assis tornava-se cada vez mais conhecido. Seu nome passa a atrair público, todos queriam seus textos, crônicas ou resenhas em seus periódicos. O autor conseguiu, dessa maneira, fazer parte do campo literário, exercendo influência sobre ele, sem deixar de ser popular.

5. Considerações finais

A questão não ficou plenamente respondida, ainda há que se refletir muito sobre o tema e sobre a figura emblemática de “nosso maior escritor”, mas fica claro que a posição de eixo gravitacional do campo literário brasileiro no século XIX não foi dada a ele em vão. Todos os anos de contribuições em periódicos; suas inteligentes e prósperas relações literário-comerciais; sua produção de crônicas, contos, poemas e romances; somados ao seu trabalho no posto de presidente da ABL conferiram a Machado de Assis a posição de destaque que ocupa até os dias de hoje.

Referências

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, s/d.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 4 volumes. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2015

_____. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*; organização Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela Mantarro Callipo. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

BERGAMINI, Atilio. “Instinto de nacionalidade” na imprensa liberal. In: *Machado de Assis em linha*. v. 6, n.12, p.15-31. Disponível em: <http://machadodeassis.net/download/numero12/artigo02.pdf>

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FRANÇA, Júlio. A aporia do conselheiro: o fim da linha do cronista Machado de Assis. In: *MATRAGA: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, ano 15, n. 23. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2008. p.179-193

HALLEWELL, *O livro no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

LEÃO, Andréa Borges. *A livraria Garnier e a História dos livros infantis no Brasil - Gênese e formação de um campo literário (1858- 1920)* História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 21, p. 159-183, jan/abr 2007. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29396/pdf>

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*; prólogo de Antonio Candido; posfácio Paulo Rónai; tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. 2 ed. revista. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. 2. ed. rev. Ampl., Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

_____. *História das livrarias cariocas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, Luis Antonio. História, sistema literário e sociedade na versão folhetinesca de Quincas Borba. In: *MATRAGA: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, ano 15, n. 23. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2008. p.165-178.